

## Apresentação

Há mais de quatro décadas têm surgido, em todo o país, reflexões, pesquisas e ensaios voltados para o problema do ensino da literatura. Com o advento da escola pública acessível a um público bem mais amplo, oriundo de famílias em acesso ao letramento literário mais erudito, a partir da década de 1970, não foi mais possível manter incólume certo modelo “clássico” de ensinar literatura. Por um bom tempo, jogava-se a culpa do fracasso da formação literária nos alunos ao desinteresse, falta de sensibilidade, explosão dos meios de comunicação de massa, entre outros motivos, e esse discurso ainda tem seus defensores. Poucas vezes se pensou na adequação entre os conteúdos ministrados e o nível de leitura e experiência dos alunos. Menos ainda, se atentou para as metodologias utilizadas no cotidiano do ensino, nem para as relações hierárquicas que presidiam a aproximação entre professor e aluno. Também quase nada se refletia sobre o acesso às obras, a formação das bibliotecas públicas e escolares e sobre a ausência de políticas públicas de incentivo à leitura literária. Os livros didáticos, a partir da década de 1970 consagram o ensino da historiográfica - os estilos de época apresentados, ainda hoje, de modo fechado, com apresentação de autores de vários gêneros literários aprisionados numa determinada escola literária. Nem é preciso ler as obras ou os fragmentos para “saber” literatura, basta decorar as características principais dos estilos de época.

Todas estas questões já estão amplamente pesquisadas e discutidas em livros, revistas, teses e dissertações. Mas há outros problemas, que envolvem cada professor individualmente, e que dificilmente são enfrentados, muitas vezes nem sequer colocados. Um deles é o da

atitude de grande parte dos professores e professoras de literatura perante o ensino. Há, em muitos casos, uma atitude claramente preconceituosa no que se refere a esta questão. É como se voltar-se para questões de ordem metodológica fosse uma coisa menor, que um pesquisador, um intelectual, um doutor não devesse se preocupar. Ouvi mais de um professor universitário denominar a discussão sobre questões de ensino como “pedagorria”. Parece que uma certa atitude aristocrática ainda preside a formação de muitos destes colegas de ensino. Outro problema a ser colocado diz respeito ao nosso aluno - no caso aqui, o do curso de letras. Ele é que tem que se esforçar para alcançar o meu nível, para compreender a minha pesquisa, alcançar a minha erudição, se aproximar da minha sensibilidade. Pouco importa se o aluno vem de um ensino médio precário, com pouca ou quase nenhuma leitura literária; que trabalhe durante o dia e estude à noite e tenha um tempo mínimo para o conhecimento de obras literárias. Os problemas de fora da sala pouco importam. E este professor, que pode ter lido Paulo Freire e Frenet não reconhece como seu o trabalho de buscar um diálogo com o aluno, e, também com ele, buscar uma alternativa. Voltarmos para nossas práticas, nossas metodologias de ensino é tarefa pouco enfrentada por muitos professores de literatura e teoria da literatura. Mas os problemas não são só estes. Há uma certa tendência que acredita que todo problema se resume à permanência do cânone e que a solução está na democratização das leituras, em trazer para sala de aula o que não foi consagrado. Ficam de lado também aqui, as questões de ordem metodológica.

A ABRALIC, ao lançar uma chamada para publicação de um número de sua revista voltado para as relações entre literatura, ensino e comparativismo, abre um espaço para reflexão numa área que sempre andou um tanto de lado na nossa Associação. Por outro lado, se observarmos os Simpósios nos últimos encontros internacionais da Associação, vamos encontrar alguns grupos discutindo leitura, campo que abriga a leitura literária. Nos dois últimos eventos, a ABRALIC apresentou em sua programação Mesas Redondas que discutiram questões de ensino. E, mais especificamente no último evento, realizado em Campina Grande - PB, três Simpósios, todos bem

frequentados, voltaram-se para a discussão de diferentes visões e propostas sobre o ensino de literatura.

Este número da revista, com quatorze artigos, é um sinal dos mais positivos no âmbito da discussão dos problemas do ensino de Literatura e dos caminhos que se podem seguir. Se tivéssemos que vislumbrar uma unidade nos textos, certamente seria o desconforto com o ensino tradicional da literatura no nível fundamental, médio e superior. Sob diferentes perspectivas - teóricas e metodológicas - os artigos trazem reflexões que envolvem: o ensino da poesia articulada à criação; a problemática da especificidade da dita literatura juvenil; a utilização da linguagem visual - cinema, literatura e cultura - como “paradigmática na formação do leitor”; o estudo comparativo entre textos dramáticos clássicos e contemporâneos levando o leitor a descobrir aproximações e diferenças; problematização “das funções atribuídas à literatura na formação” do leitor-pessoa; leitura de determinadas adaptações de clássicos como caminho possível de formação de leitores; a incorporação “das historiografias de autoria feminina para o ensino de literatura inclusivo”; a contribuição dos “estudos contemporâneos de cultura (...) favorecendo o diálogo da literatura com diferentes produções artísticas e culturais”; discussão e questionamentos sobre o percurso histórico do ensino de literatura, algumas abordagens de caráter temático, que podem motivar experiências diversas, dentre outras questões.

O professor que se proponha a ler todos os artigos poderá recolher, direta ou indiretamente, sugestões de trabalho com o texto literário - em seus diferentes gêneros - em sala de aula e suas diferentes interfaces e reflexões sobre o diálogo entre obras, questionamentos sobre o modelo tradicional de ensino. Mas poderá também ficar com uma sensação de ausência de unidade nas abordagens. As duas sensações são importantes, uma vez que, como já afirmamos há algum tempo, não será da cabeça de um (a) iluminado (a) que sairão as novas rotas para o ensino de literatura. É da prática cotidiano do ensino - muitas vezes transformado em pesquisa -, das diferentes reflexões, dos pontos de vista e ideologias às vezes em atrito, que poderá nascer um caminho realmente renovado.

Se por um lado, como já afirmamos, os artigos apontam para um desconforto com o modelo tradicional de ensino de literatura, por outro, nem sempre trazem o leitor real - da escola básica e da própria universidade - para o centro da discussão. Neste sentido, muitas das reflexões e propostas precisam avançar. Aqui é inegável, em vários textos - e em várias pesquisas que já circulam nacionalmente - a influência de teorias literárias sociológicas, como a estética da recepção e de teóricos como Octávio Paz, e bem antes o próprio Sartre, que inserem o leitor como instância da teoria literária. Há, por outro lado, em muitos artigos um certo desconhecimento de documentos oficiais tão importantes como as OCEM (2006), que, em certo sentido, influenciaram as discussões feitas já no início deste século.

O que fazer? Talvez já passe da hora de os professores de Literatura se articularem nacionalmente para pensar e sugerir propostas de mudança no ensino de literatura em nível nacional. Nesta perspectiva, um caminho possível poderia ser discutir com o Ministério da Educação o modelo de avaliação dos livros didáticos realizada pelo PNBE. Criar uma abertura no modelo de avaliação talvez possibilitasse o aparecimento de obras didáticas com novas propostas, com outras possibilidades de abordagem da literatura. Lembremos que documentos oficiais, como as OCEM (2006) já trazem a possibilidade de mudança no nível médio de ensino. Os próximos Congressos da ABRALIC poderiam dar continuidade à essa discussão e buscar formas de diálogo, sobretudo com o MEC, no sentido de influenciar mais diretamente na mudança do ensino de literatura no país. A meta, não esqueçamos, é formar leitores de literatura, um direito fundamental de nossas crianças e jovens como há muitos anos lembrava Antonio Candido.

Campina Grande - Paraíba

*José Helder Pinheiro Alves*